

Apresentação

Infância, cultura e história

As relações entre Infância, Cultura e História constituem o foco dos estudos apresentados no presente dossiê. Pode-se dizer que todos os textos, de alguma forma, trazem contribuições para responder a seguinte indagação: como vem se constituindo ao longo do tempo essa infância que nos é contemporânea?

Se, por um lado, os debates sobre a Infância são recorrentes na produção acadêmica nacional, por outro lado, estabelecer relações entre infância, cultura e história é uma estratégia teórico-metodológica capaz de contribuir para alargar muitas das concepções ainda hegemônicas sobre a infância. Evidencia-se, ainda como necessário, um programa de pesquisas que se organize em duas direções: na crítica das visões românticas que persistem na busca da natureza ou da essência infantil que antecederia aos atos que educam as crianças, bem como, e complementarmente, no exame dos atos que as educam instituindo-as como sujeitos da infância.

Procuramos trabalhar especialmente na segunda direção no projeto de pesquisa *Moldando a infância: sujeitos e instituições [entre o século XIX e o século XXI]* desenvolvido entre 2013 e 2016, com apoio do CNPq. Alguns dos seus resultados já foram publicados; outros estão incluídos neste dossiê. O grupo reunido em torno da pesquisa era composto, originalmente, por pesquisadores que vinham se dedicando aos estudos de infância, há mais ou menos tempo como Claudia Panizzolo, Diana Carvalho de Carvalho, Jucirema Quintero e Mirian J. Warde; por outros dirigidos a outros temas mais diretamente voltados à escola e à produção/transmissão de conhecimento, como Claudia Gallian, Maria das Mercês F. Sampaio e Paulo Jorge Carvalho, e outros pesquisadores interessados em temas relativos à cultura como Abel S. Borges e Marco Antônio R. Paulo.

O projeto apresentado ao CNPq conferia à sociologia histórica de Elias um lugar teórico central. Aliás, a escolha do tema da pesquisa havia sido derivada basicamente da leitura sistemática da obra de Norbert Elias que vínhamos realizando conjuntamente há em torno de um ano. Mantivemos o grupo de estudos

por mais de três anos. Nesse prazo, iniciamos e encerramos o projeto de pesquisa, prevendo a publicação de um dossiê que agora trazemos a público.

Norbert Elias é um dos pensadores do século XX que defendeu veementemente a necessidade de articulação entre as diferentes ciências humanas e sociais na busca de superar as polaridades natureza/sociedade e indivíduo/sociedade. Buscando compreender como se deu o processo civilizador do ocidente, em que consistiu e quais suas forças motivadoras, Elias assume a perspectiva da longa duração de modo a acompanhar o processo de mudança de hábitos, modelação de novos comportamentos, mudança nas estruturas de personalidade e de controle das emoções que teria ocorrido mais visivelmente a partir do século XVI. Formula o conceito de *habitus*, central em sua obra, buscando a superação das respostas construídas a partir das ideias estáticas de “individualização” e “socialização” postas em circulação pelos campos da Psicologia e da Sociologia. São essas ideias que dialogam com os textos apresentados.

Por razões diversas, o dossiê reúne apenas alguns dos membros do grupo de estudos e pesquisa original, e como previsto originalmente, inclui outros autores externos ao grupo que convidamos especialmente para esta coletânea. Como tema central a infância; como aporte privilegiado, Norbert Elias.

Para abrir o dossiê, elegemos um artigo sobre a infância em uma perspectiva histórica ampla e uma abordagem epistêmica específica – **Constituição da Infância na Sociedade Ocidental**; com ele, pretendemos afirmar a abrangência e a multiplicidade de abordagens que o tema comporta. Seus autores, Violante F. Magalhães e Justino Magalhães, ambos da Universidade de Lisboa, percorrem um período longo da história ocidental e mais especificamente europeia, da abertura da modernidade a meados do século XX de sorte a atestar que esse percurso não foi evolutivo, porque se deu eivado de contradições, e nem pacífico uma vez que implicou controvérsias e divergências. Além da elevada qualidade analítica, este texto sugere alguns marcos na história e na conceituação da infância sobre os quais devemos projetar maior atenção, destacadamente, os posicionamentos de organismos internacionais tais como a Liga das Nações e a ONU; vale atentar para o relevante rol bibliográfico utilizado.

Reiterando a complexidade e a densidade que envolve histórica e epistemologicamente o conceito de infância, Jucirema Quintero contribui com as discussões propostas no artigo **Educação, infância e escola: a civilização da criança**, trazendo a relação infância e escola para o centro do debate. Com base

em sua trajetória de pesquisa e com apoio em Norbert Elias, a autora defende a ideia de que compreender a infância como construção histórica definida pela condição social de ser criança e não um fato natural pode contribuir para superação do problema da naturalização/desnaturalização da infância e compreender o surgimento desta e dos modos como as relações entre adultos e crianças se estabeleceram ao longo da história. Considerando que para Elias a infância é um curto período de tempo onde a criança deverá aprender aquilo que a sociedade levou séculos para internalizar, a civilização das crianças é a sua educação para autorregulação, tendo a escola um papel central nesse processo.

A experiência escolar de jovens em escolas secundárias de Buenos Aires é analisada por Carina Viviana Kaplan e Agustina Mutchinik no artigo **A humilhação entre os estudantes. Processos de superioridade e inferiorização em jovens de escolas secundárias**. A pesquisa qualitativa realizada pelas autoras, por meio de entrevistas com jovens de duas escolas secundárias, concluiu que a humilhação é constituída como uma relação social entre indivíduos ou grupos em que os processos de superioridade e inferiorização se desenrolam, onde aqueles que humilham fingem ser melhores do que aqueles que são humilhados e fazem com que esses sintam o desprezo de que são receptores. A perspectiva figuracional de Elias, especialmente nos estudos sobre estabelecidos e outsiders, permitiu examinar as relações de humilhação no marco de configurações formadas por grupos interdependentes de pessoas, ao invés de entendê-las como qualidades individuais ou pessoais.

Os três artigos em seguida têm abordagens da História. Os três se referem ao Brasil e recobrem entre o século XIX e o início do século XX.

Cynthia Greive Veiga, autora do artigo **Infância subalterna: dimensões históricas das desigualdades nas condições de ser criança (Brasil, primeiras décadas republicanas)**, é sabidamente uma estudiosa da obra de Norbert Elias que a tem subsidiado conceitual e metodologicamente em suas pesquisas. Em período mais recente, Veiga tem alimentado seu referencial teórico com os autores intitulados pós-colonialistas, e como ela diz, especialistas em “estudos subalternos”; destacadamente Gayatri Spivak, Andre Quijano e Enrique Dussel. A infância focalizada neste artigo é a “subalterna”, cuja condição de “subalternidade” teria sido produzida por força da sua origem racial e/ou de classe; quanto ao período examinado, destacam-se os primeiros tempos republicanos no Brasil, embora a autora alerte para a persistência de práticas desigualitárias e discriminadoras no século atual, particularmente no que tange às práticas

escolares, seus mecanismos de absorção e rechaço.

Em **A instrução da criança desvalida no Maranhão oitocentista**, Samuel L. Velazquez Castellano, como o título indica, também aborda a criança subordinada institucionalmente por decorrência de suas origens sociais. O artigo está centrado na Casa dos Educandos Artífices criada em 1841 para meninos desvalidos em um Maranhão empobrecido e socialmente desconjuntado no período imediato à Balaiada. Velazquez Castellano esquadrinha as práticas desenvolvidas na Casa por meio de vasta documentação interna e externa à Instituição, tendo como fio condutor um conjunto de conceitos e procedimentos analíticos extraídos de Norbert Elias. Merece especial atenção dos estudiosos das práticas educativas adotadas no Brasil oitocentista a criação no Maranhão de uma instituição que ofertava um ensino das primeiras letras ao ensino profissional, passando pela gramática nacional e a música, considerando que o seu destinatário era a criança socialmente desprovida, e que sua duração foi relativamente longa.

Claudia Panizzolo, que tem se dedicado à história da infância, comparece com o artigo **A arte de civilizar-se por meio dos livros de leitura: um estudo das séries graduadas da escola primária paulista (1890- 1904)**. O título indica, o foco é a cena escolar paulista na passagem do século XIX ao século XX. A autora centra suas análises elisianas em três séries graduadas de leitura – a de Felisberto de Carvalho, a de Romão Puiggari em co-autoria com Arnaldo de Oliveira Barreto e a de João Köpke – largamente adotadas nas escolas de São Paulo. Seu intento é evidenciar como nas três séries destinadas à leitura da criança estavam inscritas prescrições de condutas, sentimentos, valores... com vistas ao amoldamento civilizatório do pequeno leitor. A autora indica com clareza a direção deste projeto civilizador flagrado em um tempo e lugar: a formação do cidadão republicano, produtivo, consciencioso, que aprendera já na infância os mecanismos de autocontrole indispensáveis à sua inclusão na vida societária do novo país que nascia.

Fechando o dossiê, o artigo de Abel S. Borges e Mirian J. Warde, **Cultura, Civilização e Indivíduo: Marcuse, Elias e o compartilhamento da psicanálise freudiana**, que, diferentemente dos demais, é inteiramente dedicado à discussão teórica em torno dos três conceitos contidos no título tal como foram pensados por Marcuse e Elias, abordados especialmente como leitores de Freud. O artigo inova em muitos sentidos, especialmente por colocar face a face dois pensadores contemporâneos que, além de Freud, partilharam preocupações culturais e sociais; aliás, partilharam a época (Elias nasceu em 1897; Marcuse, em 1898), o país (Elias

nasceu em Breslávia/Breslau, então pertencente à Alemanha; Marcuse, em Berlim), a ascensão do nazismo e a condição de exilados (ambos permaneceram fora da Alemanha até a morte) decorrente de ambos serem judeus. Entre ambos, muitas convergências e divergências que precisam ser refletidas, especialmente pelos tempos sombrios que vivemos. O artigo também inova ao trabalhar com um texto de Elias pouco citado pelos estudiosos brasileiros, *Le concept freudien de société et au-delà*, que expressa uma apropriação singular da psicanálise freudiana, distinta de Marcuse.

Organizadores

Diana Carvalho de Carvalho,
UFSC

Mírian Jorge Warde,
UNIFESP

